

Crack: epidemia midiática e desconhecimento deturpam realidade sobre a droga

Crack: media epidemic and ignorance misrepresent reality about the drug

Resenha do livro:

Fernanda Vasques Ferreira¹

Acioli Neto ML, Santos MFS. Os usos sociais do crack: construindo uma clínica situada culturalmente. Recife: Editora UFPE; 2015

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília. Professora da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB.

O livro *Os usos sociais do crack: construindo uma clínica situada culturalmente*, de autoria de Manoel de Acioli Neto e Maria de Fátima de Souza Santos tem 89 páginas e é dividido em quatro capítulos: A emergência do crack enquanto problema social; Percurso metodológico; Experiências de uso: iniciação e produção de feitos psicoativos; Padrões de consumo e estratégias de controle, além da apresentação e considerações finais.

Dentre as publicações sobre a droga, a obra é destaque, uma vez que, de forma séria e responsável, o tema do crack é apresentado de forma fundamentada, buscando, de forma cuidadosa por meio de pesquisa de campo, desconstruir o imaginário social produzido pela mídia e por alguns estudos científicos que reforçam a ideia de que quem consome crack pela primeira vez não consegue mais parar, levando a opinião pública a acreditar que a única forma de erradicar o problema é o “recolhimento” dos sujeitos e o isolamento social de forma a submeter esses indivíduos ao tratamento forçado, involuntário e compulsório, o que atende, em certa medida, aos interesses escamoteados das clínicas de “desintoxicação”.

Já na apresentação do livro, os autores demonstram que a preocupação com essa temática “advém de experiências de convívio com pessoas com modalidades de consumo diferenciadas daquelas que a mídia e as produções científicas tendem a demonstrar. Situados em um contexto de uso em que o consumo de crack se tornou parte do cotidiano de diversas pessoas, notávamos a existência de outras possibilidades de uso da droga, que não se limitava ao uso destrutivo, compulsivo”.

Para além das experiências práticas dos pesquisadores, pesquisa realizada em 2007 analisou 300 matérias de jornais, veiculadas por um período de 1 ano e 4 meses e o resultado mostrou que as notícias veiculavam o uso do crack no âmbito dos danos individuais ou sociais, ressaltando aspectos do tráfico e de sua repressão. A mídia representa o usuário

como um indivíduo inválido por conta do uso da droga e mostra que a única solução é a internação para tratamento. Os pesquisadores, então, questionam: “seria o crack essa ‘praga’ ou seria essa ideia uma construção social?”

No capítulo *A emergência do crack enquanto problema social*, os autores apontam, na contr corrente do que é reiterado por algumas pesquisas e pela mídia, que é possível o uso controlado da droga. Segundo o autor, existe um *ethos* que está associado a um conjunto de hábitos e práticas culturalmente delimitada, com regras socialmente aceitas e partilhadas, promovendo a legitimação de certas práticas. Essas convenções indicariam quais drogas e/ou substâncias podem ser consumidas e quais não podem ser usadas e em que circunstâncias.

“É importante atentar que a emergência dessa droga ocorreu em contextos de exclusão social, trazendo marcas que parecem perdurar ao longo de décadas. Esse aspecto chama a atenção pelo fato de o crack ter uma inserção maior nas populações com maior vulnerabilidade social”. Ao encontro dessa afirmação, a pesquisa realizada pela Fiocruz em 2014 aponta que há um quadro de desassistência aos usuários: 40% vivem em situação de rua, em extrema pobreza. Dessa forma, são construídos estereótipos que resultam como ferramentas de controle social informal.

Os autores retomam pesquisas que indicam que há possibilidade de uso esporádico e controlado da droga: um grupo de estudantes universitários fazia uso do crack somente aos finais de semana de forma que as o uso não atrapalhasse as atividades e a responsabilidade da universidade e do trabalho.

O capítulo referente ao *Percurso metodológico* é interessante porque descreve a caminhada acadêmica dos dois pesquisadores no sentido de produzir o estudo apresentado pelo livro, reunindo experiências práticas cotidianas, com pesquisas científicas realizadas por diferentes institutos e pesquisas de campo que trazem relatos de usuários da droga.

O capítulo *Padrões de consumo e estratégias de controle* traz relatos de usuários de crack e demonstra que o crack quando misturado com maconha, cigarro ou outras drogas, provoca menos fissura, tendo em vista a redução da ansiedade. Outros mediadores são importantes na redução

do uso compulsivo, tais como o trabalho e a família. “As atribuições e as exigências requeridas em uma profissão levam os usuários a estabelecer critérios de consumo, regulando horários e ocasiões específicas”. Obrigações financeiras também determinam a necessidade de inserção no mercado de trabalho. Todavia, a ausência de finalidades específicas para o dinheiro, pode ser um fator que coloca o trabalho como atividade fundamental para aquisição da droga. Mesmo assim, o trabalho tem um importante papel na regulação do consumo. Outro mediador importante é a família que pode ser considerada um importante contexto de pertença e referência. O afastamento dos usuários das redes de referência: amigos, companheiros e família podem coloca-los em situação de risco, pois em alguns casos, o consumo é uma tentativa de suprir carência afetiva ou enfrentar dificuldades pessoais.

A alteridade e a imagem deteriorada também são elementos a serem considerados. “A mudança de padrão de controle, com a diminuição de estratégias, parece se associar também à alteridade constituída em torno do usuário, que termina por desempenhar um papel de isolamento social”. Mudanças abruptas no corpo também são indicadas pelos usuários como um fator de regulação do consumo: “A partir do momento em que o usuário se percebia em situações extremas, como vivendo na rua, sem higiene básica, buscava modificar suas relações com a droga”. Portanto, o crack se torna uma “saída” para o distanciamento de um modo de vida almejado e, na maioria das vezes, inalcançável, tais como: o sonho da casa própria, do emprego estável, de uma família para prover e cuidar.

Nas considerações finais, os autores apontam como saída para a situação do consumo do crack, o cuidado atuante no cotidiano, nos espaços de convivência dos usuários. “Por isso, a importância da criação de novos circuitos de socialização para que se construa uma rede que funcione com base na participação social em diversas áreas, em espaços de inserção. Assim, são necessários “equipamentos” intersetoriais: centros de artes, bibliotecas, cinemas, museus, espaços com apresentações artísticas, assim como escolas de artes, ginásio de esporte, dentre outros”. É necessário construir possibilidades para o desenvolvimento da autonomia do indivíduo, refutando as práticas alternativas, excludentes e possibilitando a entrada nos universos da vida cotidiana, por vivências e práticas partilhadas pela sociedade.